

Representações da mulher assassinada no *fait divers*:

uma análise nos jornais *The Times*, *Daily News* e *Diário Gaúcho**

*Representations of women murdered in fait divers:
an analysis in the newspaper The Times, Daily News and Diário Gaúcho*

https://doi.org/10.14195/2183-6019_6_6

Resumo

O artigo tem como tema o *fait divers*, investigando através de pesquisa documental as notícias veiculadas nos jornais *The Times* e *Daily News* a respeito de mulheres assassinadas por Jack, o Estripador, no século XIX, e a cobertura do *Diário Gaúcho* ao caso de uma jovem morta pelo ex-namorado em 2015. Caracterizando brevemente o gênero jornalístico e o gênero ficcional que surgiram juntos nas páginas dos jornais, e onde Barthes (1971) e Meyer (1996) reconhecem semelhanças, busca-se nos *fait divers* identificar um específico elemento comum às narrativas do folhetim: a personagem. E, ao investigar o que têm em comum as personagens de ficção e as personagens “reais”, o estudo conclui que estas são um importante fator de aproximação entre os critérios de seleção e a forma como são veiculados os assuntos que se noticiam e aqueles que compõem a temática das obras ficcionais.

Palavras-chave: *fait divers*; folhetim; personagens; gêneros jornalísticos.

Abstract

The paper focuses on the *fait divers*, researching through Documentary research the news published in newspapers *The Times* and *Daily News* about women murdered by Jack the Ripper in the nineteenth century, and the coverage of the newspaper *Diário Gaúcho* on the case of young lady killed by ex-boyfriend in 2015. Briefly characterizing the journalistic genre and fictional genre which appeared together in the pages of newspapers, and where Barthes (1971) and Meyer (1996) recognize similarities, we try to identify in *fait divers* a specific common element to the narratives of the feuilleton: the character. In investigating what the fictional characters and the “real” characters have in common, the study concludes that these are an important factor of similarity between the selection criteria and the way in which the subjects that are reported and those that make up the theme of fictional works.

Keywords: *fait divers*; feuilleton; characters; journalism genres.

* Artigo desenvolvido a partir das discussões em torno da apresentação do trabalho *A representação da mulher assassinada no fait divers: uma personagem recorrente nos jornais do século XIX ao século XXI* no GP Gêneros Jornalísticos do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM 2015). Disponível em <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/indiceautor.htm>. Acesso em 6 maio.2017.

Introdução

O surgimento da empresa jornalística, como hoje a reconhecemos, se deu na conjunção de circunstâncias de ordem tecnológica, social, econômica, bem como através de políticas de educação. Desde 1830, máquinas como a rotativa de Hoe, com dez andares de alimentação e capacidade para 20 mil cópias por hora, reduziam os gastos de produção, e os jornais competiam pelo público que se formava nas cidades em função da demanda por recursos humanos originada pela Revolução Industrial e pelo setor comercial que a partir do progresso industrial se desenvolvia: operários, tecelãs, balconistas. Isso resultou no surgimento de um mercado consumidor (e de estratégias para estimular o consumo), integrado pela maioria da população, cujo interesse se voltava a diversos produtos, dentre os quais as produções culturais e artísticas. Financiados a partir de então por verbas de publicidade, os jornais organizavam-se para atender à demanda desse mercado crescente de leitores, que se formou, também, em decorrência da alfabetização em massa promovida no oitocentos europeu, como aponta Rest (1967).

Neste contexto de produção, circulação e consumo de jornais, nasceu o gênero ficcional chamado folhetim, que se caracterizava por longas narrativas publicadas em episódios semanais. À receita deste que foi um sucesso editorial foi acrescido o *fait divers*, gênero que também contribuiu para a formação de um público de massa, e se constituiu através de relatos factuais “com enredo”, por vezes compartilhando temas e personagens com os folhetins. Dentre estas se destaca no presente texto a personagem da mulher vitimizada.

Assim, por meio de uma pesquisa documental (Moreira, 2008), atentando às fontes secundárias em que se constituem os jornais *The Times* e *Daily News* do século XIX e o *Diário Gaúcho* no século XXI, articula-se a discussão acerca do gênero *fait divers*: um “tipo de jornalismo que se dispõe a trabalhar nas frágeis e nebulosas fronteiras entre o documental e o ficcional”, como assinala Borelli (1996, p. 178). E, com foco em notícias a respeito de mulheres assassinadas por Jack, o Estrripador, no século XIX, e da jovem morta por um auxiliar de serviços gerais, que

em 2015 desmembra-lhe a cabeça do corpo, busca-se nos *fait divers* dos jornais identificar um elemento comum às narrativas do folhetim: a personagem.

O gênero *fait divers* e suas aproximações com o folhetim

Le Petit Journal – que representava uma imprensa “sem pretensões políticas ou literárias”, de venda avulsa a um *sou* (um tostão), conta Meyer (1996, p. 97) –, em 1866, ganhava um suplemento dominical: *Le Nouvel Illustré*, a cuja forma (ilustrações em cores) o seu criador, Moïse Polydore Millaud, aliou o conteúdo, “unindo o folhetim ao que batizou de *fait divers*, um noticiário romanceado de acontecimentos extraordinários”, que contava a “realidade com enredo”.

O suplemento vai principalmente privilegiar o fait divers, ilustrado na capa, o qual, juntamente com o folhetim, é o grande chamariz do jornal. Nisso residiu o gênio de Millaud: sua acuidade e sensibilidade à demanda do novo público específico que queria atingir. Não

só pelos aspectos materiais do jornal — preço, formato, distribuição —, como por seu conteúdo. Ele soube aliar uma novidade, o folhetim, cujo consumo fora amplamente confirmado pelo sucesso da fórmula do jornal-romance, o qual aliás acabou suplantado pelo novo jornalismo de massa, a uma tradicional modalidade de informação popular, reinterpretando-a e rebatizando-a. Trata-se da *nouvelle*, ou *canard*, ou *chronique*, a que deu novo nome: o *fait divers*, ou seja, uma notícia extraordinária, transmitida em forma romancada, num registro melodramático, que vai fazer concorrência ao folhetim e muitas vezes suplantá-lo nas tiragens (Meyer, 1996, p. 98).

No âmbito do “jornalismo informativo”, na classificação de Melo (1994, p. 29), porque relata “fatos e acontecimentos”, o *fait divers* refere-se à realidade que desperta “muita sensação e, por isso mesmo, pode entreter a coletividade”. Contudo, mais do que um dos recursos editoriais para chamar a atenção e divertir a audiência (tipo de estratégia que sempre esteve

presente na imprensa), em suas diferentes manifestações, o *fait divers* tematiza conflitos, recorrendo à emoção, e não ao intelecto do receptor. O *fait divers* apela à comprovação empírica da realidade, manifesta-se no tempo presente, e seu consumo é imediatista: “mostra os conflitos históricos, mas os demonstra por um espelho único: a fatalidade, em seu espectro ‘ahistórico’, apaziguante da conflitualidade histórica” (Ramos, 1998, p. 112).

É preciso ressaltar, no entanto, que este sentido ‘ahistórico’ do *fait divers*, ideologicamente conservador, subordinado às leis de mercado e, sob o ponto de vista estético, desprovido de originalidade, encontra mais semelhança com as fases finais do folhetim. Isso porque, na primeira fase deste gênero, de 1836 a 1848, predominou um “romantismo social”, que apesar de direcionar a solução de conflitos sociais para a intervenção de indivíduos (os heróis), não deixava de registrar em seus temas certo antagonismo de classes. Já na segunda fase do desenvolvimento do folhetim (até 1870), os temas de aventura e intriga substituíram as preocupações sociais; e a terceira etapa, pós-comuna de Paris

(1871), é o momento em que textos ideologicamente decadentes são a tônica (Martín-Barbero, 1997).

O *fait divers* é uma “informação total, imanente”, aponta Roland Barthes (1971), nele são cobertos diversos acontecimentos, contendo escândalos, desastres, homicídios, raptos, agressões, acidentes, bem como curiosidades e situações bizarras, que envolvem tanto acontecimentos excepcionais ou extravagantes quanto os insignificantes, de natureza privada. Por isso, “seu conteúdo não é estranho ao mundo: tudo isso remete para o homem, para a sua história, para a sua alienação, para os seus fantasmas, para os seus sonhos, para os seus medos” (Barthes, 1971, p. 265).

Ao contrário da informação: 1º) que é “nomeada” (por exemplo, as editoriais de política, de economia ou de esportes de um jornal); 2º) que é por definição, parcial, porque “o acontecimento não tem estrutura própria, suficiente” e “nunca é senão o termo manifesto de uma estrutura, num contexto implícito que lhe preexiste; e 3º) que remete a uma situação exterior a seu enunciado linguístico, como “fragmentos de um romance”; compara Barthes (1971, pp. 263-265):

o *fait divers* assemelha-se a um conto, uma *short story* que possui um modo discursivo próprio – a “língua do jornal”. E, nesta “língua”, há ainda um sentido atemporal, como observa Meyer (1996, p. 99):

É interessante notar que, num jornal, a página de fait divers é a única que não envelhece. Se é impossível, hoje, ao ler um jornal antigo, compreender algum fato político sem recorrer ao contexto, sem apelar para o nosso conhecimento histórico; a leitura de um fait divers ainda pode, cem anos depois, causar os mesmos arrepios ou espanto.

Frequentemente identificado com sensacionalismo, o *fait divers* é o principal, mas não o único “nutriente” do tipo de noticiário em “tom escandaloso, espalhafatoso”, de “credibilidade discutível”, que se caracteriza por “tornar sensacional um fato jornalístico que em outras circunstâncias editoriais não mereceria esse tratamento”, afirma Angrimani (1995, pp. 16-17). Também alimentada por lendas e

crenças populares, pessoas famosas ou singulares, escândalos políticos ou econômicos, “a narrativa sensacionalista transporta o leitor, delega sensações por procuração”.

Para rastrear as origens do jornalismo sensacionalista, Angrimani (1995) aponta o aparecimento de alguns jornais como *Nouvelles Ordinaires* e *Gazette de France*, entre 1560 e 1631, França, que traziam *fait divers* de cunho fantástico e notícias sensacionais. No século XIX, os *canards*, jornais de página única com impressão frontal, faziam sucesso, especialmente quando publicavam casos de crimes. Mas foi nos Estados Unidos que a imprensa sensacionalista ganhou o seu molde definitivo, através de dois jornais surgidos no final do século: *World* e *Journal*. O *New York World*, de Pulitzer, inovou ao utilizar cores, “olhos” (pequenos textos de chamada para a matéria principal), ilustrações e manchetes sensacionalistas, em reportagens de grande apelo popular. Era a chamada “imprensa amarela”, cuja características são apontadas pelo autor:

O “World” publicava aos domingos uma história em quadrinhos

chamada “Hogan’s Alley”, o personagem principal era um menino desdentado, sorridente e orelhudo vestido com uma camisola amarela, onde vinha escrita sua fala, datificou conhecido como “Yellow Kid”. O personagem passou a ser um registro simbólico para os críticos do sensacionalismo [...] Para Mott, as técnicas que caracterizavam a imprensa amarela eram: manchetes escandalosas em corpo tipográfico excessivamente largo, “garrafais”, impressas em preto e branco ou vermelho, espalhando excitação, frequentemente sobre notícias sem importância, com distorções e falsidade sobre os fatos; o uso abusivo de ilustrações, muitas delas inadequadas ou inventadas; impostura e fraudes de vários tipos, com falsas entrevistas e histórias, títulos enganosos, pseudociências; quadrinhos coloridos e artigos superficiais; campanhas contra os abusos sofridos pelas “pessoas comuns”, tornando o repórter um cruzado a serviço do consumidor (Angrimani, 1995, pp. 21-22).

A imprensa amarela¹ teve seu apogeu entre 1890 e 1900, mas, acrescenta o autor: “deixou pegadas que continuam sendo seguidas pelos jornais sensacionalistas” (Angrimani, 1995, p. 21). E isso se aplica à pós-moderna internet, como registra Alves (2014, p. 2), acerca do Portal de Notícias G1: “É perceptível que assuntos relacionados à violência e morte, características também do *fait divers*, estão presentes na maioria dos materiais disponibilizados nessa categoria no portal”.

De fato, o jornalismo tem sido pródigo em relatos de fatalidades. Tradicionalmente, notícia a vida nas cidades, regiões e no mundo, a partir do que irrompe no cotidiano, ou seja, os acontecimentos. Da ordem do dramático, o *fait divers* se constrói não por meio de uma trama ficcional, e sim a partir de um acontecimento jornalístico que, como particulariza Rodrigues (1993), sempre está imbuído de uma “natureza especial”.

Os argumentos de seleção desses acontecimentos para transformá-los em notícias nas páginas dos jornais são os chamados *critérios de noticiabilidade*, isto é, o conjunto de critérios e operações que tornam um acontecimento apto a merecer tratamento jornalístico, tendo assim valor como notícia. Na perspectiva de Traquina (2005), os critérios de noticiabilidade são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento é noticiável. São eles: simplificação (quando o acontecimento é narrado de forma clara, mas recorrendo a clichês e estereótipos); dramatização (é dado um desenvolvimento dramático ao acontecimento); personalização (nomear as personagens do acontecimento, e quando houver figura pública maior o valor notícia); continuidade (o valor-notícia está naquilo que remete a algo ou da mesma forma que algo já foi noticiado); consonância (o que é noticiável está em consonância com o que a experiência e rotina do jornalista previu que poderia vir a ocorrer); inesperado (se houver aspectos negativos os acontecimentos inesperados têm ainda mais valor-notícia); infração (das leis, má gestão, mau comportamento

de autoridades). (Ericson et al. apud Traquina, 2005).

No *fait divers*, a simplificação dos textos e diálogos para prender o leitor é acompanhada do *inesperado*, fazendo uso de cortes sistemáticos e imprevistos para criar suspense; da *dramatização*, apresentando situações carregadas de emoção; da *negatividade*, exibindo a maldade humana, os desvios de comportamento e da *personalização*, caracterizando personagens, geralmente sujeitas a uma lógica maniqueísta: herói e vilão; mocinha e malvada. Características que nada ficam a dever à estrutura folhetinesca.

A mulher como personagem: do folhetim ao *fait divers*

Na visão de Brait (1985), dois aspectos essenciais sobre a personagem já estavam sinalizados na *Poética* de Aristóteles: a personagem como reflexo da pessoa, mas, também, como uma construção, que se dá sob as especificidades das leis que regem o texto. A autora lembra que mais importante do que o conceito de *mimesis* (imitação do real) seria o resgate da ideia de

¹ O termo “imprensa marrom”, mais usado no Brasil, surgiu na França, no início do século XIX, com o sentido de “coisa ilegal, clandestina” (Angrimani, 1995, p. 21).

verossimilhança interna de uma obra. Para isso, ela recomenda uma releitura de Aristóteles (2006, pp. 43-44):

Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece: é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa [...], diferem sim em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso, a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, pois reflete aquela, principalmente o universal, e esta, o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia quando põe nome às suas personagens.

Tantos séculos depois, é possível pensar em estender o paralelo traçado por Aristóteles, entre o que se

constituía em ofício da poesia ou da história, às funções ora assumidas pelo jornalismo. Em primeiro lugar, porque é este que hoje “diz as coisas que sucederam”, como observa Fontcuberta (1993, p. 18). Indo além, constata ainda a autora que há um deslocamento do papel antes reservado ao historiador, de avaliar “o que era e o que não era um acontecimento”, para os meios de comunicação de massa, assim tornados os novos construtores da história.

O aparecimento do jornalismo no cenário cultural do Ocidente viria modificar substancialmente o próprio conceito de acontecimento histórico, sobretudo quanto a um maior envolvimento dos sujeitos com as narrativas do que “realmente acontece”, supostamente porque, estando mais informados, tornar-se-iam ‘coautores’ da construção da mensagem jornalística, através de um maior ou menor grau de adesão a suas propostas. “Há fatos que interessam mais e que despertam mais reações, porque as pessoas sentem-se mais envolvidas neles do que em outros” (Fontcuberta, 1993, p. 20).

O que leva a um segundo aspecto de análise da transposição para os dias de hoje das funções que

Aristóteles creditava a cargo da história ou da poesia, por isso diferenciando-as. Trata-se da observação de certa forma de resgate jornalístico da natureza “particular” antes atribuída à história que, por outro lado, também sinaliza uma semelhança com o caráter “universal” da poesia, na medida em que esse jornalismo “dá nome a suas personagens”. É o caso do *fait divers*, apresentado de acordo com os cânones da noticiabilidade, porém, exibindo também alguns princípios “melodramáticos” como curiosidade, conflito, suspense, emoção, enfatizando antes de tudo, o caráter pessoal dos relatos. Segundo Fontcuberta (1993, p. 45): “as pessoas estão interessadas em conhecer o que ocorre em seu ‘entorno’, e por ‘entorno’ deve-se entender não só a proximidade geográfica, mas a social e a psicológica”.

Enquanto os personagens masculinos se caracterizam, basicamente, como heróis ou vilões, a personagem feminina do século XIX incluía vários traços constitutivos. Porém, transcendendo qualquer tipologia folhetinesca, havia um papel social a ser desempenhado pela mulher (na “vida real”), com regras e deveres bem delimitados:

a virgindade é indispensável às solteiras (pobres ou ricas); a inserção social da mulher rica acontece somente através do casamento (às pobres é destinado o trabalho, desonra para a burguesa); casada, a mulher transforma-se em símbolo exterior da posição social do homem. Mas, rica ou pobre, ela precisa ser dedicada, paciente, abnegada, caridosa, obediente e, acima de tudo, virtuosa. É praticamente em função destas qualidades que se organizam os tipos femininos do folhetim.

Há uma heroína que simplesmente encarna o feminino de herói, não tem maiores caracterizações nem funções na trama, que não sejam passivas: é dada em casamento, é disputada, raptada, acusada, defendida, mas não tem voz, restam-lhe os sentimentos. Mesmo a mocinha destemida, como a Ambrosina de Saint-Clair das Ilhas, descrita por Meyer (1996, p. 47) como uma donzela de espírito aventureiro, “que chega um dia à ilha de Barra, vestida de rapaz, atraída pela fama do valente e misógino herói”, assim que perpetrado o casamento, transforma-se em “recatada, virtuosa e diligente esposa”.

Outra variação da mocinha é o tipo borralheira: jovem bela, virgem,

e inocente, mas órfã, pobre e criada por uma arquetípica madrasta má (a vilã) que a maltratava e humilhava, por vezes até bloqueando seu acesso a alguma herança ou aos verdadeiros pais, que afinal não haviam morrido, ou a alguma tia riquíssima, que pode prover-lhe o dote que possibilitará um bom casamento. Porque à mulher pobre, observa Meyer (1996, p. 313), “só resta ser costureira ou prostituta”. A costureirinha, pálida e angelical, normalmente trabalha para sustentar ao pai ou à mãe doente; é pobre, porém honesta e, sem dote, às vezes se vê forçada a aceitar um nobre decadente (velho ou “farrista”) em casamento.

Porém, não há heroína mais vitimizada do que a donzela conspurcada, pura de coração e alma, mas com a virtude roubada pela ação de um sórdido vilão. Geralmente inocente, às vezes foi submetida à concupiscência do vilão sob o efeito de soníferos, graças à traição de um criado. A *via crucis* da donzela conspurcada, na maior parte dos casos, segue algumas fases: sofre o abuso sexual; engravida; o filho é dado à adoção, entregue a uma ama ou raptado; e ela enlouquece ou corajosamente passa a procurar por seu

filho, para encontrá-lo no futuro, já adulto, algumas vezes na pele de um herói valoroso.

Todavia, é possível identificar pelo menos três subdivisões no tipo heroína vitimizada, todas elas relacionadas ao homem: além da donzela conspurcada pela ação do homem mau; há a mãe sacrificada, auto-imolada à educação de seu filho homem; e ainda a jovem viúva injustiçada pela falta do homem bom, como no folhetim.

Do outro lado da virtude que caracterizou as heroínas até aqui descritas, alinham-se outras personagens femininas. Estas se reúnem em torno do tipo que se chamará dama das camélias, em evidente homenagem à personagem do romance de Alexandre Dumas Filho. O tipo dama das camélias pode ser a mulher que errou antes do casamento, ou seja, foi seduzida e não tomada à força por um vilão; ou a adúltera, que cometeu um “crime que a sociedade não perdoa”, aponta Meyer (1996, p. 253), lembrando que “o adultério é sempre do gênero feminino: o homem comete suas leviandades, mas adúltera é a mulher”. Muitas vezes essas mulheres “decaídas” são damas das camélias vitimizadas, que podem até

reabilita-se ao final do folhetim (se não morrerem), depois de duras provas que reavaliam o seu grau de submissão às exigências sociais à mulher honesta, tornando-se freiras, mães sacrificadas ou qualquer outro papel que seja totalmente dessexualizado.

Próximos em termos de época e de veículo, os tipos do *fait divers* muitas vezes inspiraram as personagens do folhetim ou mesmo de romances que se tornaram clássicos da literatura universal, como o caso de Madame Bovary, que se parece com uma das personagens dos romances de folhetim dos quais é leitora voraz, mas foi inspirada por uma pessoa real, que Flaubert descobriu em um *fait divers* de jornal.

Os casos dos séculos XIX e XXI

Rivera (1968, p. 14) aponta a “progressiva emancipação da mulher”, em 1790, como fator de popularização dos folhetins, entretanto, são constantes nos folhetins personagens como a mulher vitimizada pela ação de um vilão. A mulher assassinada, por um *serial killer* ou por crime passional,

é um tipo de personagem recorrente nas colunas policiais dos jornais. No século XIX, as cinco vítimas de Jack, o estripador (*Jack, the Ripper*) e outras treze prováveis vítimas do criminoso foram retratadas como personagens pelos jornais londrinos (e de todo o mundo)². A identidade do criminoso que matava e retirava órgãos de prostitutas jamais foi descoberta, dele os jornais tinham apenas as cartas para publicar, mas suas vítimas, bem como parentes e testemunhas (personagens coadjuvantes nos dramas midiáticos) ganharam vívidas descrições nas reportagens da época.

O jornal *The Times* recorre ao conto policial *Os assassinatos da rua Morgue*, de Edgar Allan Poe, para traçar um paralelo entre as mortes violentas de mulheres nas ruas de Paris e a “brutal selvageria” empregada na mutilação e morte de Annie Chapman (que tivera o útero retirado

pelo assassino), cujos detalhes “não precisavam ser citados detalhadamente”, bastando dizer que ela fora encontrada “cedo, na manhã de sábado, com a cabeça quase separada de seu corpo e mutilada de uma maneira revoltante” (*The Times*, 10 set.1888, traduções nossas).

Quase um mês, era a vez do *Daily News*, em 8 de outubro de 1888, relatar de forma ainda mais folhetinesca o inquérito sobre outro assassinato de *Jack, the Ripper*: Catherine Edowess, também conhecida como Kate Kelly. Neste *fait divers*, a irmã da falecida ganha *status* de personagem coadjuvante, merecendo do jornal uma caracterização que chega a seu estado de espírito e apreciações como “respeitável”:

Às onze horas da manhã de ontem, o Sr. Langham começou o inquérito oficial nas circunstâncias que circundam a morte da mulher cujo corpo mutilado foi encontrado na Praça da Mitra, às primeiras horas da última manhã de domingo. [...] A primeira testemunha chamada foi a irmã da falecida, uma respeitável mulher de meia-idade

² Dentre os muitos sítios na internet dedicados a Jack, o Estripador, no Casebook (http://www.casebook.org/press_reports/) é possível acessar mais de setenta jornais do Reino Unido (além de jornais norte-americanos, suecos, canadenses, irlandeses, australianos, mexicanos, jamaicanos, etc.), trazendo as reportagens originais sobre os crimes, em língua inglesa.

que manifestava grande aflição, soluçando e chorando lastimavelmente, mas de modo geral prestando o seu depoimento de forma proveitosa e clara. Os pontos principais de seu testemunho foram que a falecida nunca havia sido casada, mas que coabitara por alguns anos com um soldado reformado do exército chamado Conway, com quem havia tido duas crianças, e que depois disso tinha vivido mais alguns anos com o “Sr. Kelly” (Daily News, 8 out.1888, tradução nossa).

No entanto, as suspeitas do *Daily News* recaíam sobre Mr. Kelly (no mínimo, de que ele fosse um rufião). O jornal descreve-o, minuciosamente, como um legítimo antagonista do tipo heroico masculino.

O Sr. Kelly foi a próxima testemunha a ser chamada. Ele parece ter em torno de quarenta anos de idade, figura de aparência pitoresca, com um saudável bronzado adquirido em recente “excursão” à colheita de lúpulo, grossos cabelos pretos, testa baixa e um bem

Na sequência da descrição do testemunho, o jornal assume o papel de “promotor” e lança suas acusações finais sobre Mr. Kelly, que foi o último companheiro da mulher assassinada (suspeito de ser um vilão passional).

aparado bigode imperial. Usava uma roupa surrada de operário, com um cachecol azul-brilhante em volta do pescoço, e falou com voz profunda, em sonoro e bom tom, olhando tranquilamente pelo tribunal, enquanto o Coronel anotava suas respostas. Quando perguntado se a falecida tinha hábito de frequentar as ruas, respondeu resolutivo: “Não, senhor, eu nunca pedi a ela para fazer isso”. Logo a seguir, porém, deixou escapar uma expressão que contradizia virtualmente a sua afirmação (Daily News, 8 out.1888, tradução nossa).

Na sequência da descrição do testemunho, o jornal assume o papel de “promotor” e lança suas acusações finais sobre Mr. Kelly, que foi o último companheiro da mulher assassinada (suspeito de ser um vilão passional), arrematando dramaticamente:

Na noite anterior ambos haviam dormido no albergue do Beco do Sapato e no sábado separara-se dela, pensando que ela iria procurar em Bermondsey, para tentar encontrar sua irmã e ver se ela

poderia arranjar-lhe um troco “para evitar que saísse às ruas” — depois de ter declarado tão resolutamente nunca ter pedido a ela para fazer isso. Depois de deixá-lo no sábado, alguém lhe disse que ela tinha chegado a arranjar “para um trago”. Mas ele nunca foi perguntar sobre ela; “soube que ela teria saído na manhã de domingo.” Na manhã de domingo, sua desafortunada carreira acabara, ela tornara-se um cadáver mutilado (Daily News, 8 out.1888, tradução nossa).

Embora a fórmula seja antiga, os meios de divulgação do *fait divers* renovam-se, como se pode conferir na versão *on line* do jornal *Diário Gaúcho*. No tempo do primado das redes sociais, encontra-se a história de um estripador contemporâneo, veiculado em 31 de março de 2015: “Homem que decapitou namorada em SP postou foto da cabeça no Facebook”. E, na linha fina, o nome do vilão: “José Ramos dos Santos também enviou a imagem para amigas da vítima e disse: ‘Ninguém mandou ela me trair’”. Na linguagem hipertextual do meio digital, estão

presentes ainda duas conexões (*links*) com outras notícias previamente veiculadas no mesmo jornal, localizadas uma no interior do texto da notícia e outra em parágrafo destacado, que abaixo se marca em itálico:

O homem que decapitou a namorada de 16 anos, grávida, na Zona Sul de São Paulo, na última quinta-feira (26), publicou a foto da cabeça da jovem no Facebook. Além disso, ele enviou a imagem para amigas da vítima no sábado (28), antes de se entregar à polícia. O assassino desconfiava que a adolescente havia lhe traído e que o filho que ela esperava não era seu.

Jovem mata namorada grávida e leva a cabeça da vítima à polícia. (Diário Gaúcho, 31 mar.2015)

Identificada a mulher vitimizada, com ênfase na idade e na gravidez, ambos os *links* levam à notícia do dia anterior (30 de março) cujo título coincide com o segundo *link* e tem como subtítulo: “José Ramos dos Santos, 23 anos, disse aos policiais que

matou a adolescente de 16 anos após ela confessar que o havia traído”. E, nesta notícia, outro *link*, desta vez direcionando o leitor a outro jornal, o Estadão, como abaixo se lê em itálico:

Depois de estrangular e matar a namorada — grávida de sete meses — na quinta-feira, em São Paulo, um jovem de 23 anos se entregou à Polícia Civil na noite de sábado. José Ramos dos Santos abriu sua mochila e mostrou aos plantonistas o que carregava: a cabeça da vítima, que também havia sido decapitada.

As informações são do Estadão. (Diário Gaúcho, 30 mar.2015).

Também nesta notícia, a informação sobre o nome da jovem assassinada e a profissão do assassino confesso: “Conforme a reportagem, o ajudante-geral contou aos policiais que matou Shirley Souza, 16 anos, após ela confessar que o havia traído”.

Aos leitores do *Diário Gaúcho* é dado ainda conhecer as conversas do vilão passional, que como Jack, o Estripador, assumiu um codinome no



Fig. 1 | As conversas entre o assassino e as amigas da vítima

Fonte: *Diário Gaúcho* online, 31 mar.2015³.

Facebook, «Zél Past Troubled», fazendo-se representar pela fotografia de um personagem do cinema (como se vê na Figura 1): “Ele também colocou uma foto do *serial killer* mascarado do filme «Jogos Mortais» em seu perfil na rede social. No longa metragem, o assassino é conhecido por cortar partes dos corpos das vítimas.”

O portal G1 teve acesso às conversas que José Ramos dos Santos, 23 anos, teve com amigas de Shirley Souza pela rede social após matar a jovem.

Dignos de nota, também, os *posts* com comentários dos leitores, que acompanham a notícia no *site*, pois se nas narrativas do *Daily News* e do *The Times* cabia aos jornalistas, presentes nos depoimentos, o texto opinativo, no século XXI quem opina são os leitores. Alguns clamam por punições severas ao assassino, solidarizando-se com a jovem mulher vitimizada:

Penas para crimes como esse de tamanha violencia (sic) e complexidade, devem ser no minimo (sic) de prisão perpetua (sic). Agora lhe pergunto, o que temos haver (sic) com um individuo (sic) que não quis viver numa sociedade ordeira, pacífica (sic), que anseia pelo bem do próximo. Pessoas assim, ao (sic) meu ver, não podem viver livremente, estamos sacrificando o rebanho para garantir a integridade dos lobos. Todos temos escolhas na vida, ele decidiu tirar a vida de uma menina, ainda mais gravida (sic), foram duas vidas e com uma crueldade sub humana (sic) (Diário Gaúcho online, 31 mar.2015).

Um post condena a alusão ao personagem do *blockbuster* «Jogos Mortais»: “A foto de perfil do cara é o JigSaw.... Aí tu já começa a ver mais ou menos o nível das criaturas...” Outros cobram a reponsabilidade dos pais, como nos dois *posts* transcritos a seguir, que chegam a ver no comportamento sexual da jovem mulher assassinada um indício da barbárie instaurada no país: 1) “A pergunta é: Onde estavam os pais dessa menina?

Ex-companheiro de 23 anos? 23 anos e não sabe escrever? Grávida com 16? Começou a trepar com 14, 15 anos então se já era «ex»? Brasil vai se transformar em uma Angola gigante. Não tem como civilizar esse povo”. 2) “No caso ai (sic) grávida de um cara adulto, possivelmente sem estudo e sem trabalho. De repente tem uns cinco irmãos, pai já foi morto por dívidas, mãe viciada em crack e álcool e por ai (sic) vai a desgraça brasileira” (*Diário Gaúcho* online, 31 mar.2015).

O que se pode perceber, tanto nos *fait divers* do século XIX como no caso do dia de 2015 é que eles se estruturaram através de personagens dicotômicas, caracterizadas em ambos os casos como um vilão, criminoso cruel que além de matar, dilacera suas vítimas, e uma (ou mais) mulher assassinada. Há, ainda, a presença da adjetivação que acompanha as narrativas sobre esses personagens (e seus coadjuvantes) e o juízo de valor pela voz dos repórteres no *Daily News* e *The Times* nos casos das mortes perpetradas por *Jack*, *The Ripper*, e pelos leitores da versão *online* do *Diário Gaúcho*.

Também é possível notar nos *fait divers* analisados os critérios de

3 Disponível em <http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/policia/noticia/2015/03/homem-que-decapitou-namorada-em-sp-postou-foto-da-cabeça-no-facebook-4730316.html>. Acesso em 13 jul.2015

noticiabilidade do *inesperado*, da *personalização* e da *negatividade*, a partir de Traquina (2005). Como critérios substantivos de seleção, na perspectiva de Wolf (1985) destacam-se nestes casos: inesperado, conflito e controvérsia, escândalo. Já como valores-notícia de construção encontramos novamente a personalização somada à dramatização.

Considerações finais: o elemento “oh! ah!”

Um dos chamados pais fundadores dos *Cultural Studies*, Richard Hoggart, em livro publicado em 1957, buscava entender as razões pelas quais as pessoas elegiam como prediletas algumas produções culturais, e não outras. Ele conclui que, antes de tudo, é preciso atentar para o seu interesse “pelos pormenores mais insignificantes da condição humana”, que parte do pressuposto de que “a vida humana em si é fascinante” (Hoggart, 1973, p. 144). Ele acreditava que tais particularidades, apreendidas pela indústria cultural, constituíam-se em matéria-prima para o sucesso dos produtos dirigidos às massas: da radionovela ao *fait divers*.

Para Baudrillard, a contemporânea sociedade do consumo é caracterizada pela ubiquidade do *fait divers* na comunicação de massa, onde “aparece dramatizada no modo espetacular”:

Toda a informação política, histórica e cultural é acolhida sob a mesma forma, simultaneamente anódina e miraculosa, do fait divers. [...] O acontecimento irrelevante não constitui, pois, uma categoria entre outras, mas A categoria cardinal do nosso pensamento mágico e da nossa mitologia (Baudrillard, 2003, p. 24).

Desse modo, se o folhetim, enquanto tipo de entretenimento de alto envolvimento emocional manteve-se como expressão massiva e, adaptando-se aos novos suportes tecnológicos da indústria cultural do século XX, chegou à cultura midiática como folhetim eletrônico, primeiramente, na forma de radionovela, para depois consagrar-se também na televisão; também o *fait divers* se veicula no rádio e na televisão. O *fait divers* radiofônico, em programas

como “Comando Maior”⁴, pratica um jornalismo assistencialista, gerador de um “clientelismo eletrônico” que parte de relatos de dramas pessoais, num tipo de relação entre os comunicadores e os sujeitos vitimizados que se estabelece pela inoperância/incapacidade das administrações públicas — tanto ao gerir receitas, quanto para promover crescimento econômico suficiente para atender demandas dos setores populares. Da mesma forma, a televisão conta com programas como “Balanço Geral”⁵, “Programa do Ratinho” e outros telejornais policiais, que sob a estratégia do *fait divers* associam jornalismo ao entretenimento e produzem uma profusão de perseguições policiais, criminosos sendo encarcerados e vítimas sendo entrevistadas. Esses programas, tais como os *fait divers* dos jornais tanto do

4 Programa que consta na grade de programação da Rádio Farroupilha de Porto Alegre, de segunda a sexta, das 6 às 11h, apresentado por Sérgio Zambiasi.

5 Programa veiculado pela Rede Record, “que transita entre o jornalismo e o entretenimento”, como apresentado no site <http://noticias.r7.com/balanco-geral/saiba-mais-sobre-o-programa-balanco-geral-sp-26052014>.

século XIX quanto do século XXI, resumem-se a histórias de interesse humano apresentadas por meio de textos factuais, compostos, no entanto, sob a gramática do ficcional, pela qual os fatos se constroem através de personagens que correspondem a personificações do bem e do mal, protagonizadas por vilões e por suas vítimas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. (2014). O “Ciclo do Jornalismo Integrado” e os comentários das “Mais Lidas” do G1. In *Comunicologia*, Revista de Comunicação e Epistemologia da Universidade Católica de Brasília. Brasília, 144-163. Disponível em <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/5651/3742>. Acesso em 18 jul.2015.
- ANGRIMANI, D. (1995). *Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa*. São Paulo: Summus.
- BARTHES, R. (1971). *Ensaios críticos*. Lisboa: Edições 70.
- BORELLI, S. H. S. (1996). *Ação, suspense, emoção: literatura e cultura de massa no Brasil*. São Paulo: Educ.
- HILL, A. (2007). *Restyling factual TV*. New York: Routledge.
- HOGGART, R. (1973). *As utilizações da cultura: aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa: Editorial Presença.
- MARTÍN-BARBERO, J. (1997). *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- MELO, J. M. (1994). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes.
- MEYER, M. (1996). *O folhetim: uma história*. São Paulo: Cia. das Letras.
- MOREIRA, S. V. (2008). Análise documental como método e como técnica. In Duarte, J.; Barros, A. (Orgs.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação* (pp. 269-279). São Paulo: Atlas.
- RAMOS, R. J. (1998). Aqui, agora: poder e mito. In *Revista Famecos*, nº 9, Porto Alegre, dez., 111-117. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/9/Roberto_Ramos.pdf. Acesso em 15 jul. 2015.
- REST, J. (1967). *Literatura y cultura de masas*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- RIVERA, J. B. (1968). *El folletín y la novela popular*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- SOUZA, A. C. M. (1981). *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva.
- TRAQUINA, N. (2005). *Teorias do jornalismo*. Florianópolis: Insular.
- WOLF, M. (1985). *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença.